

Da trajetória à ação empreendedora na maturidade: uma análise das transições de carreira sob a lente da efetuação

Juliana Aparecida Boaretto — Doutoranda em Administração – PPGA/USCS

juliana.boaretto@online.uscs.edu.br

Raquel da Silva Pereira — Professora Doutora – PPGA/USCS

raquel.pereira@online.uscs.edu.br

Laura Cristina Pereira Maia — Doutora – PPGA/USCS

laura.maia@online.uscs.edu.br

Luisa Veras de Sandes Guimarães — Professora Doutora – Unifesp

luisa.guimaraes@unifesp.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como indivíduos na maturidade vivenciam processos de transição de carreira que culminam na atividade empreendedora. Adota-se uma abordagem qualitativa interpretativa, baseada em entrevistas em profundidade com nove empreendedores com 50 anos ou mais, residentes no Grande ABC Paulista. A análise temática evidenciou quatro padrões de transição: planejadas, reativas, relacionais e orientadas à busca de sentido, que, embora distintos, compartilham elementos como mobilização de repertórios acumulados, influência das redes, presença de eventos inesperados e reconstrução identitária. À luz da Teoria da Efetuação, os resultados indicam que a ação empreendedora se constrói de forma iterativa, ancorada nos meios disponíveis e nas interações com o contexto. O estudo contribui ao propor o empreendedorismo na maturidade como processo de construção da ação empreendedora sustentado por três dimensões interdependentes: trajetória, relações e identidade.

Palavras-chave: empreendedorismo sênior; transição de carreira; efetuação; identidade.

ABSTRACT

This study aims to understand how individuals in later life experience career transition processes that culminate in entrepreneurial activity. An interpretive qualitative approach was adopted, based on in-depth interviews with nine entrepreneurs aged 50 and over, residing in the Greater ABC Paulista region in Brazil. Thematic analysis revealed four patterns of transition—planned, reactive, relational, and meaning-oriented—which, although distinct, converge in elements such as the mobilization of accumulated repertoires, the influence of social networks, the presence of unexpected events, and identity reconstruction. Drawing on Effectuation Theory, the findings indicate that entrepreneurial action is constructed iteratively, grounded in available means and shaped through continuous interaction with the context. The study contributes by conceptualizing entrepreneurship in later life as a process of action construction sustained by three interdependent dimensions: trajectory, relationships, and identity.

Keywords: senior entrepreneurship; career transition; effectuation; identity.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional e as transformações estruturais do mundo do trabalho vêm redesenhando, de forma profunda, as trajetórias profissionais ao longo do curso de vida. Em um cenário marcado pela ampliação da longevidade, pela instabilidade dos vínculos formais e pela persistência de práticas de etarismo nas organizações, observa-se um movimento crescente de indivíduos que, a partir dos 50 anos, buscam redefinir sua inserção produtiva (OECD, 2019; GEM, 2025).

Nesse contexto, o empreendedorismo na maturidade emerge não apenas como alternativa econômica, mas também como expressão de processos mais amplos de reinvenção profissional, reconstrução identitária e rearticulação biográfica ao longo do curso de vida (Kautonen; Kibler & Minniti, 2017; Ratten, 2019). Essa emergência do empreendedorismo maduro como fenômeno multidimensional encontra ressonância no contexto brasileiro, que acompanha e reflete as tendências demográficas e socioeconômicas globais.

Dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) indicam o crescimento da participação de pessoas com 50 anos ou mais entre aqueles que iniciam ou mantêm negócios próprios (GEM, 2025). Estudos nacionais apontam que uma parcela significativa desses empreendedores inicia suas atividades após os 50 anos, mantendo-se diretamente envolvidos na gestão de seus negócios (Sebrae-SP, 2017). Em regiões urbanas economicamente dinâmicas, como o ABC Paulista, essas transformações se manifestam de forma particularmente intensa, evidenciando trajetórias marcadas por longos vínculos corporativos, rupturas com o mercado formal e busca por novas formas de inserção produtiva.

Apesar desse avanço empírico, a literatura científica sobre empreendedorismo sênior ainda apresenta lacunas relevantes, especialmente no contexto brasileiro. Revisões recentes indicam que o campo carece de maior consolidação conceitual e de abordagens que ultrapassem os modelos preditivos centrados na intenção empreendedora e em atributos individuais (Maalaoui *et al.*, 2023; Syed *et al.*, 2024). Predomina, ainda, uma visão que privilegia o momento da decisão de empreender, em detrimento da compreensão dos processos que conduzem à ação empreendedora ao longo do tempo (Shane & Venkataraman, 2000).

Nesse sentido, a transição de carreira configura-se como uma dimensão analítica central para compreender o empreendedorismo na maturidade. Para indivíduos com 50 anos ou mais, tais transições frequentemente se articulam a eventos como aposentadoria, desligamentos do mercado formal, percepção de etarismo, insatisfação com trajetórias corporativas ou busca por maior autonomia e alinhamento com valores pessoais (Hanashiro & Pereira, 2020; Holmquist & Sundin, 2022; Bonatti *et al.*, 2024). Mais do que um evento pontual, a transição envolve processos contínuos de reflexão, adaptação e reconstrução de trajetórias, nos quais os indivíduos reinterpretam suas experiências passadas e projetam novos futuros possíveis (Rizzatti *et al.*, 2018; Ibarra, 2003).

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz de abordagens que enfatizam a ação como processo situado, construído na interseção entre trajetória, contexto e capacidade de agência. A noção de agência como processo temporalmente situado, articulando passado, presente e futuro, contribui para compreender como indivíduos mobilizam experiências acumuladas ao longo da vida para construir novas possibilidades de ação (Emirbayer & Mische, 1998).

Essa perspectiva aproxima-se da Teoria da Efetuação, proposta por Sarasvathy, que compreende a ação empreendedora como um processo baseado nos meios disponíveis ao indivíduo, especialmente quem ele é, o que sabe e quem conhece (Sarasvathy, 2001; Sarasvathy, 2003). Em contextos marcados por incerteza, a ação não se orienta por previsões ou objetivos previamente definidos, mas pela construção progressiva de oportunidades a partir da interação com o ambiente e com outros atores (Read, Song & Smit, 2009). Tal lógica mostra-

se particularmente pertinente para compreender o empreendedorismo na maturidade, uma vez que indivíduos 50+ tendem a mobilizar repertórios acumulados ao longo de décadas de vida profissional e relacional como base para a construção de novos empreendimentos.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo compreender como indivíduos com 50 anos ou mais vivenciam processos de transição de carreira que culminam na atividade empreendedora. Especificamente, busca-se analisar os elementos que desencadeiam essas transições, os modos pelos quais são conduzidas, os recursos mobilizados ao longo do percurso e os sentidos atribuídos à passagem de trajetórias profissionais anteriores para experiências empreendedoras. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, com base em entrevistas em profundidade com empreendedores maduros residentes no ABC Paulista.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo sênior: conceito, motivações e especificidades

O empreendedorismo tem ganhado crescente relevância entre pessoas com 50 anos ou mais, configurando-se como um fenômeno associado às transformações demográficas e às mudanças no mundo do trabalho contemporâneo. Neste estudo, adota-se a definição segundo a qual o empreendedorismo sênior corresponde ao processo de criação e gestão de negócios por indivíduos com 50 anos ou mais, motivados por razões que combinam necessidades econômicas, busca por autonomia, continuidade produtiva e realização pessoal (Syed *et al.*, 2024). Essa delimitação etária alinha-se à literatura internacional, que reconhece essa fase como momento de reconfiguração das trajetórias profissionais e das motivações para o trabalho (OECD, 2019; GEM, 2025).

A literatura evidencia que o empreendedorismo na maturidade é marcado por motivações múltiplas e frequentemente sobrepostas. A decisão de empreender após os 50 anos combina fatores econômicos, como geração de renda, com motivações intrínsecas relacionadas à autonomia, ao propósito e à continuidade da vida produtiva (Kautonen; Down & Minniti, 2014). Estudos indicam que, diferentemente de fases anteriores da vida, empreendedores seniores tendem a valorizar mais a satisfação pessoal, o significado do trabalho e o equilíbrio entre vida profissional e pessoal do que a maximização de retornos financeiros (Stirzaker & Galloway; Potter, 2019; Stirzaker; Kapasi & Galloway, 2023; Dik & Duffy, 2009).

Nesse contexto, a tradicional distinção entre empreendedorismo por necessidade e por oportunidade torna-se menos nítida. Empreender na maturidade pode representar tanto uma resposta a restrições estruturais, como desemprego ou aposentadoria, quanto um movimento ativo de reconstrução identitária e busca de sentido (Soto-Simeone & Kautonen, 2021). Em contextos como o brasileiro, marcados por fragilidades institucionais e etarismo no mercado de trabalho, essas dimensões tendem a coexistir, configurando trajetórias híbridas que combinam adaptação e escolha deliberada (Shinohara; Nassif & Paiva, 2024).

Além das motivações, o empreendedorismo sênior é atravessado por um conjunto de barreiras estruturais. Entre os desafios mais recorrentes destacam-se o etarismo, o acesso restrito a crédito, as dificuldades de atualização tecnológica e desigualdades acumuladas ao longo do curso de vida (Butler, 1969; Levy & Banaji, 2002). Tais fatores evidenciam que o empreendedorismo na maturidade ocorre em um campo de tensões, no qual coexistem limitações institucionais e potenciais individuais.

Por outro lado, indivíduos mais velhos dispõem de recursos específicos que podem favorecer a ação empreendedora. Experiência profissional acumulada, redes sociais duradouras, capital humano e maior capacidade de julgamento constituem ativos relevantes, especialmente em contextos de incerteza (Fraga *et al.*, 2023b; Ratten, 2019; Granovetter,

1985). Esses elementos indicam que o empreendedorismo sênior não pode ser compreendido apenas a partir de déficits associados à idade, mas também a partir das potencialidades derivadas da trajetória acumulada.

2.2 Transição de carreira na maturidade: ruptura, identidade e ressignificação

A transição de carreira constitui uma dimensão analítica fundamental para compreender o empreendedorismo na maturidade. Diferentemente de abordagens que tratam a mudança profissional como evento pontual, a literatura contemporânea a compreende como um processo contínuo de reconfiguração de trajetórias, envolvendo dimensões psicológicas, sociais e contextuais (Rizzatti *et al.*, 2018).

Bridges (1994) propõe que a transição deve ser entendida como um processo interno de reorientação, no qual o indivíduo precisa encerrar uma fase anterior para que uma nova identidade profissional possa emergir. Essa perspectiva é particularmente relevante na maturidade, quando as transições frequentemente envolvem a ruptura com carreiras longas e a necessidade de reconstrução de sentidos associados ao trabalho. No contexto brasileiro, tais movimentos assumem contornos ainda mais complexos, sendo marcados por descontinuidades, múltiplas inserções e redefinições sucessivas ao longo do curso de vida (Veloso, 2012).

A identidade desempenha um papel central nesse processo. A transição de carreira envolve não apenas mudanças objetivas de ocupação, mas também a reconstrução do autoconceito e do significado atribuído ao trabalho (Ibarra, 2003). Indivíduos em transição mobilizam narrativas sobre si mesmos para dar coerência às mudanças vivenciadas, articulando passado, presente e futuro em novas configurações identitárias (Emirbayer; Mische, 1998). No caso de empreendedores seniores, esse movimento implica ressignificar experiências acumuladas e reinterpretá-las como recursos para a ação empreendedora.

Estudos recentes indicam que o tornar-se empreendedor após os 50 anos envolve processos de reconstrução identitária em contextos de incerteza, nos quais antigos papéis profissionais são progressivamente abandonados e novos são experimentados (Garcia-Lorenzo; Sell-Trujillo & Donnelly, 2020). Esse processo tende a ser marcado por ambivalências, mas também por potencial criativo, na medida em que possibilita a construção de novas formas de inserção no trabalho e na sociedade.

Outro elemento central nesse processo é o capital social. Relações construídas ao longo da trajetória profissional funcionam como fonte de suporte, informação e oportunidade, reforçando a ideia de que a ação econômica está profundamente enraizada em redes sociais (Granovetter, 1985). Na maturidade, essas redes tendem a apresentar maior densidade e estabilidade, favorecendo a mobilização de recursos em momentos de transição.

2.3 Teoria da Efetuação como lente para a ação empreendedora na maturidade

A Teoria da Efetuação, proposta por Sarasvathy, representa uma das principais contribuições contemporâneas para a compreensão da ação empreendedora em contextos de incerteza. Em contraste com abordagens causais, que partem de objetivos previamente definidos, a efetuação propõe que a ação empreendedora emerge a partir dos meios disponíveis ao indivíduo, enfatizando a construção progressiva de oportunidades (Sarasvathy, 2001; Sarasvathy, 2003).

Essa perspectiva desloca o foco analítico da previsão para a ação, sugerindo que empreendedores não apenas descobrem oportunidades, mas participam ativamente de sua criação por meio da interação com outros atores e com o ambiente (Read; Song & Smit, 2009). Tal concepção é particularmente relevante para compreender o empreendedorismo na

maturidade, na medida em que indivíduos 50+ dispõem de um conjunto amplo de meios, incluindo experiências acumuladas, redes sociais e identidades consolidadas.

Os princípios da efetuação oferecem um arcabouço analítico consistente para compreender esse processo. O princípio dos meios disponíveis indica que a ação se inicia a partir de quem o indivíduo é, do que sabe e de quem conhece, ressaltando o papel da trajetória acumulada na construção de novas iniciativas (Sarasvathy, 2001). O princípio da perda tolerável orienta decisões com base no risco aceitável, aspecto especialmente relevante na maturidade, quando escolhas tendem a considerar a preservação de estabilidade e bem-estar (Sarasvathy & Dew, 2005).

O princípio das parcerias enfatiza a cocriação de oportunidades por meio de redes de relacionamento, reforçando a dimensão social da ação empreendedora (Read; Song & Smit, 2009). Já o princípio da alavancagem de contingências destaca a capacidade de transformar eventos inesperados em oportunidades, evidenciando a natureza adaptativa e processual do empreendedorismo (Dew *et al.*, 2009). Por fim, o princípio do controle do futuro reforça a centralidade da ação humana na construção de possibilidades, enfatizando o papel da agência na condução das trajetórias (Sarasvathy, 2001).

Evidências empíricas indicam que a lógica efetual está associada a melhores resultados em contextos de incerteza, reforçando sua relevância como lente analítica (Read, Song & Smit, 2009). No caso do empreendedorismo sênior, essa lógica se manifesta de forma particular, sendo fortemente ancorada na mobilização de recursos biográficos, na densidade relacional e na busca por coerência entre ação e identidade (Silva, 2022).

Em síntese, a articulação entre a Teoria da Efetuação, as abordagens de trajetória, identidade e redes sociais permite uma compreensão mais abrangente da ação empreendedora na maturidade. A efetuação oferece a lógica processual de construção da ação a partir dos meios disponíveis, enquanto a trajetória de vida fornece o repertório acumulado que sustenta essa ação. A identidade, por sua vez, orienta o sentido e a direção das escolhas, especialmente em contextos de transição, ao passo que as redes sociais estruturam as possibilidades concretas de mobilização de recursos e oportunidades. Essa integração sugere que o empreendedorismo na maturidade não pode ser explicado por uma única lente teórica, mas deve ser compreendido como um fenômeno relacional e processual, no qual biografia, interação social e construção identitária se entrelaçam na produção da ação empreendedora.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, voltada à compreensão dos processos de transição de carreira que conduzem indivíduos na maturidade à atividade empreendedora. A abordagem qualitativa mostra-se adequada ao objetivo da pesquisa na medida em que permite explorar significados, experiências e interpretações construídas pelos participantes ao longo do curso de vida, especialmente em contextos marcados por mudanças profissionais e reconfigurações identitárias (Creswell, 2014). A pesquisa insere-se no paradigma interpretativo, no qual o conhecimento é produzido na interação entre pesquisador e participantes, mediado pela linguagem e pelas condições sociais que estruturam as experiências (Denzin & Lincoln, 2018).

Do ponto de vista epistemológico, adota-se uma lógica indutivo-interpretativa, na qual categorias emergem progressivamente da análise do material empírico e são continuamente confrontadas com o referencial teórico (Saunders, Lewis & Thornhill, 2019). Essa orientação aproxima-se da perspectiva de construção de teoria a partir de dados qualitativos, caracterizada por um processo iterativo, no qual coleta e análise se desenvolvem de forma interdependente, permitindo o refinamento progressivo das categorias analíticas e o fortalecimento de sua aderência empírica. Nesse sentido, o estudo não se limita à descrição de trajetórias, mas busca compreender padrões e mecanismos subjacentes às transições de carreira na maturidade.

O estudo foi conduzido em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) sob o parecer nº 7.653.544, assegurando o cumprimento dos princípios éticos de autonomia, sigilo, confidencialidade e voluntariedade dos participantes.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade. Esse formato combina a estrutura necessária para orientar a conversa com a abertura indispensável ao aprofundamento de temas emergentes, sendo particularmente adequado para acessar a complexidade das trajetórias individuais e dos sentidos atribuídos às transições de carreira (Creswell, 2014; Gil, 2022). Para além de um instrumento de coleta, a entrevista é compreendida como uma prática social situada, na qual os relatos são construídos na interação entre pesquisador e participante, refletindo não apenas experiências vividas, mas também interpretações e significados produzidos no próprio contexto da entrevista.

As entrevistas foram conduzidas com homens e mulheres empreendedores com 50 anos ou mais, residentes ou atuantes na região do Grande ABC Paulista. Este contexto urbano, historicamente um polo industrial de destaque na América Latina a partir da segunda metade do século XX, passou e ainda passa por um intenso processo de desindustrialização, o qual levou ao fechamento de empresas e à perda significativa de empregos, além de uma reestruturação produtiva da região. A escolha desse contexto justifica-se por sua relevância empírica para o fenômeno investigado, uma vez que favorece a observação de trajetórias marcadas por longos vínculos corporativos e processos de reconfiguração profissional.

A seleção dos participantes seguiu os princípios da amostragem intencional (*purposive sampling*), privilegiando casos com trajetórias capazes de aprofundar a compreensão sobre como indivíduos na maturidade mobilizam recursos, redes e experiências acumuladas para empreender (Ponelis, 2015; Eisenhardt, 1989). A lógica de seleção não foi estatística, mas teórica, orientada pela busca de diversidade de experiências e pela capacidade dos casos de contribuir para o desenvolvimento analítico do fenômeno investigado.

O corpus analítico foi composto por nove participantes, com diferentes perfis de gênero, trajetórias profissionais e formas de inserção no empreendedorismo, incluindo experiências formais, informais e híbridas. A definição do número de entrevistas foi orientada pelo princípio da suficiência informacional (*information power*), segundo o qual a adequação do tamanho da amostra depende da qualidade, da relevância e da densidade das informações produzidas, e não de critérios numéricos previamente estabelecidos. Considerando a especificidade do grupo investigado, o uso de referencial teórico consistente e a profundidade das entrevistas realizadas, entende-se que o conjunto de dados apresenta robustez suficiente para sustentar a análise proposta.

As entrevistas foram registradas com autorização dos participantes, transcritas na íntegra e submetidas à análise temática, conforme proposta de Braun e Clarke (2006). O processo analítico envolveu leitura aprofundada do material, codificação inicial, identificação de padrões recorrentes e construção de categorias interpretativas. Essas categorias foram desenvolvidas por meio de um processo iterativo de comparação entre casos, buscando identificar convergências e variações nas trajetórias analisadas, em consonância com a lógica de análise qualitativa orientada à construção de padrões teóricos.

As categorias analíticas resultantes, organizadas nos eixos de transição apresentados na seção de resultados, foram posteriormente articuladas à literatura sobre transição de carreira, empreendedorismo sênior e Teoria da Efetuação, permitindo uma interpretação aprofundada dos significados atribuídos pelos participantes às suas experiências. Esse movimento analítico buscou não apenas descrever os dados, mas contribuir para a compreensão do empreendedorismo na maturidade como fenômeno processual, situado e relacional.

Para assegurar a transparência e a consistência do processo investigativo, a pesquisadora manteve um diário reflexivo ao longo da coleta e da análise, registrando impressões de campo, decisões analíticas e possíveis influências de sua posição no processo de pesquisa, em linha com práticas recomendadas em estudos qualitativos interpretativos (Dumay, 2011).

Por fim, os nomes utilizados ao longo da análise são pseudônimos, adotados para preservar a identidade dos participantes, conforme exigência ética e compromisso assumido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das narrativas dos nove participantes evidenciou que a transição de carreira na maturidade não se configura como um processo homogêneo, linear ou previsível. Ao contrário, as trajetórias identificadas revelam uma pluralidade de percursos, motivações e recursos mobilizados, que se entrelaçam de formas diversas ao longo do tempo. A partir da análise temática do material empírico, foi possível identificar quatro configurações recorrentes de transição, apresentadas a seguir como eixos analíticos. É importante ressaltar que essas configurações não são categorias rígidas ou mutuamente exclusivas: em diversas trajetórias, elementos de dois ou mais eixos se sobrepõem, refletindo a complexidade dos processos reais de transição de carreira na maturidade.

4.1 Transições planejadas: antecipação e preparação para a mudança

Em determinadas trajetórias, a saída do mercado formal e a entrada no empreendedorismo não ocorreram de forma abrupta, mas como resultado de um processo gradual de avaliação, preparação e construção antecipada de alternativas. Esse padrão foi identificado de forma mais nítida nas trajetórias dos entrevistados E2 e E3, nos quais a decisão de empreender precedeu e, em certo sentido, orientou a saída do emprego formal.

No caso do E2, executivo com longa trajetória na indústria farmacêutica, a percepção de que a carreira executiva teria um teto etário levou-o a antecipar o movimento ainda nos 40 anos:

“Eu fiz uma conta básica e falei: ou eu sigo crescendo e vou chegar num estágio máximo lá por volta dos 50, 55 anos, ou vai ser o limite aonde eu vou ficar como CLT. E a partir daí, se eu quiser fazer alguma coisa, vai ser meio tarde. Então eu acho que chegou a hora de eu mudar de vida.” (E2).

Essa narrativa traduz um movimento de antecipação que vai além de um cálculo instrumental. Embora o entrevistado utilize a expressão “conta básica”, o que se observa é uma leitura temporal da trajetória, na qual passado, presente e futuro são articulados para projetar limites e possibilidades. A idade emerge, nesse contexto, como marcador simbólico de restrição, orientando a decisão antes que a ruptura se concretize. Trata-se, portanto, de uma forma de agência projetiva, na qual a ação presente é orientada pela tentativa de influenciar os desdobramentos futuros da carreira (Emirbayer & Mische, 1998).

O entrevistado E2 saiu em 2014, abriu três frentes simultâneas, consultoria de marketing, cerveja artesanal e gestão patrimonial, e, após um processo de afunilamento ao longo de doze anos, consolidou-se como sócio em um escritório de investimentos. Sua trajetória evidencia que o planejamento, nesses casos, não se traduz em linearidade, mas em experimentação progressiva. Ao iniciar múltiplas frentes e, ao longo do tempo, selecionar aquelas mais viáveis, o entrevistado demonstra um processo iterativo de construção da ação empreendedora, no qual tentativa, ajuste e aprendizado se articulam continuamente.

Esse movimento pode ser interpretado à luz da Teoria da Efetuação, na medida em que a ação se ancora nos meios disponíveis, especialmente sua experiência prévia e sua rede de contatos, sendo progressivamente reconfigurada ao longo do percurso (Sarasvathy, 2001; 2003). No entanto, os dados sugerem um elemento adicional: a efetuação, nesse caso, não emerge apenas como resposta à incerteza, mas como prática antecipatória, orientada por uma leitura estratégica da trajetória.

A trajetória do entrevistado E3, que deixou o regime CLT aos 42 anos após um acordo com a empresa, também ilustra esse padrão, ainda que enfatize aspectos distintos da transição. Com experiência prévia como docente e já atuando paralelamente por meio de pessoa jurídica, sua saída foi acompanhada de algum grau de preparação. No entanto, sua narrativa evidencia que a transição implica uma mudança profunda na forma de inserção no trabalho:

“Você deixa de ser um componente na estrutura e passa a ser a estrutura propriamente dita... Você bate escanteio e sai para cabecear, vende, cobra, recebe — tudo isso. A primeira coisa que eu tive aos 42 anos foi que eu levei 6 meses para entender que salário não ia cair dia 15, nem dia 30. Isso é um choque.” (E3).

A fala explicita a dimensão concreta da transição. A metáfora utilizada, “deixar de ser um componente para ser a estrutura”, revela uma mudança estrutural na lógica do trabalho, na qual o indivíduo passa a assumir integralmente responsabilidades antes distribuídas em uma organização. O “choque” relatado indica que, mesmo em transições planejadas, a descontinuidade não é eliminada, mas ressignificada.

Observa-se, nesse tipo de trajetória, um mecanismo processual marcado por quatro movimentos inter-relacionados: a percepção antecipada de limites ou restrições futuras, a projeção de cenários possíveis, a mobilização progressiva de recursos acumulados e a construção de uma transição desenvolvida ao longo do tempo. Esse encadeamento evidencia que a transição não deve ser compreendida como evento pontual, mas como processo contínuo de preparação e ajuste.

4.2 Transições reativas: ruptura, etarismo e saída do mercado formal

Em contraste com as trajetórias planejadas, outro conjunto de participantes vivenciou a transição para o empreendedorismo a partir de situações de ruptura ou esgotamento, nas quais fatores externos, como a percepção de descarte etário, e internos, como desgaste físico ou *burnout*, funcionaram como catalisadores da mudança. Nesses casos, empreender emergiu menos como escolha previamente elaborada e mais como resposta a contextos nos quais a permanência no trabalho formal havia se tornado insustentável.

A trajetória de E5, executivo sênior de relações governamentais na indústria farmacêutica, ilustra de forma clara essa configuração. Sua entrada no empreendedorismo, por volta dos 54–55 anos, foi diretamente influenciada pela percepção de que o mercado formal progressivamente descartava profissionais a partir de determinada faixa etária:

“Naquela época você falar em 50 anos, você já tava começando a ser descartado do mercado, entendeu? E era difícil voltar. Então, a minha alternativa foi empreender. Não dá para ficar esperando as empresas.” (E5).

A fala evidencia que o empreendedorismo emerge, nesse caso, como resposta a um processo de exclusão. O uso do termo “alternativa” revela que a decisão não se configura como escolha entre múltiplas possibilidades, mas como movimento diante de um conjunto restrito de opções. Ao afirmar “não dá para ficar esperando as empresas”, o entrevistado explicita uma ruptura com a lógica de dependência do mercado formal, assumindo uma postura ativa diante de um contexto percebido como limitador.

Esse movimento dialoga com o conceito de etarismo, no qual a idade opera como critério implícito de desvalorização no mercado de trabalho (Butler, 1969; Levy & Banaji, 2002). No entanto, os dados sugerem que o etarismo não atua apenas como barreira, mas também como força propulsora, ao deslocar indivíduos para fora do mercado formal e, consequentemente, para a busca de alternativas empreendedoras.

A trajetória do entrevistado E5 também evidencia a centralidade das contingências na construção da ação empreendedora. Após iniciar um negócio em biotecnologia, o entrevistado enfrentou dificuldades que o levaram a redirecionar sua atuação para outras frentes:

“Eu tentei a empresa de biotecnologia, não deu certo... depois fui para outra área... e fui me ajustando.” (E5).

Essa narrativa revela que a ação não segue uma trajetória linear, mas se constrói por meio de sucessivas reconfigurações. Cada tentativa, mesmo quando não bem-sucedida, passa a integrar o processo de construção da trajetória, evidenciando um movimento contínuo de adaptação. Tal dinâmica ilustra o princípio da alavancagem de contingências, no qual eventos inesperados são incorporados e transformados em novas possibilidades de ação (Dew *et al.*, 2009).

Uma segunda forma de transição reativa aparece nas trajetórias em que o elemento desencadeador da mudança não é o mercado, mas o próprio corpo. Nesse grupo, destacam-se as experiências de E4 e E9, cujas decisões de saída do trabalho formal foram motivadas por desgaste físico e emocional.

No caso da entrevistada E4, enfermeira, a ruptura com a atividade anterior surge como estratégia de preservação da saúde:

“Eu falei: não vou ficar doente por causa disso. Eu vou parar aqui e vou continuar ali — nos aromas.” (E4).

A fala evidencia um limite claro imposto pelo corpo, no qual a continuidade do trabalho formal passa a ser percebida como ameaça à saúde. A decisão de empreender, nesse contexto, não é orientada por oportunidade, mas pela necessidade de reorganizar a relação com o trabalho de forma sustentável.

De maneira semelhante, E9, após uma longa trajetória no setor financeiro, relata que sua decisão de deixar o trabalho formal foi influenciada por um diagnóstico médico relacionado ao esgotamento:

“O médico disse que eu tava a princípio de um *Burnout*. Eu falei: acho que é melhor então recuar.” (E9).

Nesse caso, a transição é desencadeada por uma condição interna, na qual o corpo passa a operar como limite e orientador da decisão. A recomendação médica atua como ponto de inflexão, levando à reavaliação da trajetória e à busca por formas alternativas de inserção no trabalho.

As falas de E4 e E9 evidenciam uma dimensão ainda pouco explorada na literatura sobre empreendedorismo: a centralidade do corpo e da saúde na decisão de carreira. A recorrente tensão entre desejo de continuidade produtiva e limites físicos, frequentemente sintetizada na ideia de que “a cabeça quer, mas o corpo não acompanha”, revela que, na maturidade, a transição não é apenas econômica ou profissional, mas também corporal.

4.3 Transições relacionais: família, redes e contextos sociais

Um terceiro padrão identificado nas narrativas diz respeito ao caráter profundamente relacional de determinadas transições para o empreendedorismo. Nesses casos, a decisão de empreender não se configura como escolha individual isolada, mas emerge de interações com familiares, parceiros e redes sociais que atuam simultaneamente como gatilho, recurso e espaço de construção da própria ação empreendedora.

A trajetória do entrevistado E7, que deixou o emprego formal para apoiar simultaneamente a mãe em um momento de fragilidade e o negócio da esposa, ilustra de forma particularmente clara essa mediação relacional. Sua saída do trabalho formal não foi motivada por um projeto empreendedor previamente definido, mas por demandas familiares concretas:

“Eu vou ajudar ela e acompanhar a minha mãe de perto. A empresa falou: não, nós vamos te dar aumento. Eu falei: vocês não estão entendendo. Eu só vou sair.” (E7).

A fala evidencia que a decisão não se orienta por uma lógica econômica ou de oportunidade de mercado, mas por uma lógica relacional, na qual o trabalho é reorganizado em função de vínculos familiares. O empreendedorismo, nesse caso, não antecede a transição, mas emerge como desdobramento das relações, configurando-se como espaço no qual demandas afetivas, práticas e econômicas se articulam.

Essa lógica relacional também pode ser observada na forma como os recursos são mobilizados. Diferentemente de trajetórias mais individualizadas, nas quais o empreendedor constrói sua ação a partir de competências e experiências próprias, nas transições relacionais os recursos são frequentemente compartilhados, negociados e co-construídos no interior das redes. Tal dinâmica aproxima-se do princípio do Mosaico de Parcerias da Teoria da Efetuação, segundo o qual novas oportunidades emergem a partir das interações estabelecidas com outros atores (Sarasvathy, 2001; Read *et al.*, 2009). No entanto, os dados sugerem que, no contexto da maturidade, essas parcerias não são apenas estratégicas, mas profundamente enraizadas em relações de longa duração, nas quais confiança e reciprocidade desempenham papel central.

A trajetória de E6, cabeleireira por décadas e posteriormente articuladora do projeto social voltado ao fortalecimento do empreendedorismo, especialmente de mulheres com 60 anos ou mais, amplia essa compreensão ao evidenciar uma forma ainda mais coletiva de construção da ação empreendedora. Diferentemente de E7, cujo movimento se ancora em relações familiares, E6 constrói seu empreendimento a partir de uma rede comunitária de mulheres:

“Aí eu cheguei nelas e falei: olha, eu tenho uma garagem. O que vocês acham da gente se juntar e pôr esse produto em casa, na minha casa, e a gente vender? Eu quero mulheres 60 mais.” (E6).

A partir dessa iniciativa, o que inicialmente se configurava como solução contingencial, motivada pela interrupção de suas atividades durante a pandemia, transformou-se em um espaço coletivo estruturado, com dezenas de participantes e múltiplas atividades. Esse processo evidencia que o empreendimento não antecede as relações, mas é produzido por elas, sendo continuamente transformado à medida que novos atores se integram.

A comparação entre os casos de E7 e E6 revela diferentes formas de mediação relacional. Enquanto E7 reorganiza sua trajetória a partir de relações familiares preexistentes, E6 constrói novas relações que dão origem ao próprio empreendimento. Em ambos os casos, no entanto, a ação empreendedora não pode ser dissociada das redes nas quais está inserida, evidenciando que a agência, nesses contextos, é distribuída e relacional, emergindo da interação entre múltiplos atores (Emirbayer & Mische, 1998).

4.4 Transições por reinvenção e busca de sentido

O quarto padrão identificado agrupa trajetórias nas quais a transição para o empreendedorismo está associada, de forma central, à busca de propósito, autonomia e alinhamento entre atividade profissional e valores pessoais. Nesses casos, fatores externos exercem papel secundário, sendo a transição impulsionada predominantemente por motivações internas de ressignificação do trabalho e da própria identidade.

A trajetória da entrevistada E1, com longa experiência no segmento corporativo nas áreas de comunicação, marketing e gestão de relacionamentos, ilustra de forma clara esse movimento. Sua transição para o empreendedorismo não decorreu de ruptura ou necessidade, mas de um processo reflexivo orientado pela busca de coerência entre trajetória e propósito:

“Tem que ser sempre algo que você tenha prazer em fazer. Não pode ser uma coisa: ah, eu vou fazer isso porque tá na moda. Isso daqui vai ter impacto na vida das pessoas. Então foi nesse caminho que eu fui buscar me especializar em algo que ainda hoje tem um diferencial.” (E1).

A fala evidencia que a decisão de empreender não foi orientada por uma oportunidade de mercado previamente identificada, mas por um processo de construção de sentido. O trabalho deixa de ser concebido apenas como meio de subsistência e passa a ocupar um lugar central na expressão de valores pessoais e na produção de impacto. A rejeição explícita à lógica do “fazer porque está na moda” indica um deslocamento em relação a motivações externas, reforçando a centralidade da dimensão subjetiva na tomada de decisão.

Esse padrão dialoga com a literatura sobre transição de carreira, que compreende tais movimentos como processos de reconstrução identitária, nos quais indivíduos reinterpretam suas experiências passadas e constroem novas narrativas sobre si mesmos (Ibarra, 2003). No caso da E1, observa-se que sua trajetória anterior não é abandonada, mas ressignificada e incorporada à nova atuação, evidenciando continuidade em meio à mudança.

Além disso, a busca por atividades que “tenham impacto na vida das pessoas” indica uma reorientação do sentido do trabalho, na qual dimensões como contribuição social, realização pessoal e coerência com valores passam a assumir maior relevância. Esse movimento é consistente com estudos que apontam que, na maturidade, indivíduos tendem a priorizar atividades mais alinhadas com seus valores e propósito de vida, em detrimento de motivações estritamente econômicas (Wrzesniewski & Dutton, 2001).

Esse padrão evidencia que, na maturidade, a transição de carreira pode assumir caráter profundamente transformador, no qual o indivíduo não apenas muda de atividade, mas reconstrói sua relação com o trabalho e com sua própria trajetória. A experiência acumulada ao longo da vida não é apenas mobilizada como recurso técnico, mas reinterpretada como base para a construção de novos sentidos.

4.5 Síntese analítica: diversidade de percursos e convergências processuais

A análise dos quatro eixos evidencia que a transição de carreira na maturidade não se configura como um processo homogêneo, linear ou previsível, assumindo formas distintas conforme as condições individuais, relacionais e contextuais que estruturam cada trajetória. No entanto, para além dessa diversidade empírica, os resultados revelam a existência de convergências processuais que permitem avançar na compreensão do empreendedorismo na maturidade em termos mais analíticos.

Mais do que diferentes tipos de transição, os achados indicam a presença de distintas lógicas de construção da ação empreendedora, que se manifestam de forma situada ao longo das trajetórias. Essas lógicas não são mutuamente excludentes, podendo coexistir e se sobrepor no percurso dos indivíduos, o que reforça o caráter dinâmico e processual do fenômeno.

Em primeiro lugar, a mobilização de repertórios acumulados, experiências, redes, competências e valores aparece como elemento estruturante em todas as trajetórias. No entanto, o que distingue os diferentes eixos não é a presença desses recursos, mas a forma como são ativados: de maneira antecipatória nas transições planejadas, adaptativa nas reativas, relacional nas transições mediadas por redes e identitária nas trajetórias orientadas à busca de sentido. Esse achado sugere que o empreendedorismo na maturidade se ancora menos na aquisição de novos recursos e mais na recombinação de recursos biográficos ao longo do tempo.

Adicionalmente, a análise evidencia que a transição para o empreendedorismo na maturidade não ocorre de forma automática ou linear, mesmo entre indivíduos com trajetórias profissionais consolidadas. A partir do relato de um dos participantes (E8), cuja atuação se dá no apoio e mentoria a profissionais seniores em processo de transição, observa-se que muitos indivíduos enfrentam dificuldades significativas para iniciar a ação empreendedora, especialmente em função da forte internalização de lógicas organizacionais típicas do trabalho corporativo. A ausência de experiência prévia em contextos de autonomia decisória, aliada à dependência de estruturas hierárquicas, pode limitar a capacidade de transformar repertórios acumulados em iniciativas concretas. Esse achado sugere que, embora a maturidade traga consigo recursos relevantes, sua mobilização não é imediata, exigindo processos de aprendizagem, adaptação e reconstrução da própria agência.

Em segundo lugar, os dados evidenciam que a ação empreendedora é profundamente marcada por contingências, ainda que estas assumam papéis distintos conforme o tipo de trajetória. Enquanto nas transições reativas as circunstâncias emergentes atuam como gatilhos da mudança, nas trajetórias planejadas e orientadas ao sentido elas são incorporadas e ressignificadas ao longo do percurso. Esse movimento reforça a pertinência da Teoria da Efetuação ao evidenciar que a ação empreendedora, especialmente na maturidade, se constrói de forma iterativa, a partir da interação contínua entre meios disponíveis e eventos emergentes (Sarasvathy, 2001; 2003).

No entanto, os resultados permitem avançar em relação à teoria ao indicar que, na maturidade, a lógica efetual não se manifesta apenas como resposta à incerteza, mas também como prática antecipatória e reflexiva, ancorada na trajetória e na identidade do indivíduo. Tal evidência amplia a compreensão da efetuação ao incorporar dimensões temporais e biográficas mais densas, nas quais passado, presente e futuro se articulam na construção da ação (Emirbayer & Mische, 1998).

Em terceiro lugar, a análise evidencia que a ação empreendedora na maturidade é inseparável das redes sociais nas quais os indivíduos estão inseridos. As transições relacionais mostram que oportunidades não são apenas identificadas ou construídas individualmente, mas emergem de interações, vínculos e contextos compartilhados. Esse resultado reforça a perspectiva de embeddedness, ao demonstrar que a ação econômica está profundamente enraizada em estruturas sociais, sendo moldada por elas (Granovetter, 1985).

Por fim, observa-se que a transição para o empreendedorismo envolve, de forma recorrente, processos de reconstrução identitária. Em diferentes intensidades, os participantes reinterpretam suas trajetórias, ressignificam experiências passadas e constroem novos sentidos para o trabalho. Esse movimento é particularmente evidente nas transições orientadas à busca de sentido, mas também se manifesta, ainda que de forma menos explícita, nos demais eixos. Nesse sentido, o empreendedorismo pode ser compreendido não apenas como atividade econômica, mas como prática de reconstrução da identidade profissional ao longo do curso de vida (Ibarra, 2003).

De forma integrada, os resultados permitem propor que o empreendedorismo na maturidade deve ser compreendido como um processo de construção da ação empreendedora ancorado em três dimensões interdependentes: trajetória, relações e identidade. A trajetória

fornece os recursos e experiências acumulados, as relações estruturam as possibilidades de ação e a identidade orienta a direção e o sentido da atividade empreendedora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender como indivíduos na maturidade vivenciam processos de transição de carreira que culminam na atividade empreendedora, considerando os elementos que desencadeiam essas transições, os modos pelos quais são conduzidas e os sentidos atribuídos ao percurso. A partir da análise das trajetórias, foi possível evidenciar que o empreendedorismo após os 50 anos não se configura como um fenômeno homogêneo, mas como um processo plural, situado e profundamente ancorado nas experiências acumuladas ao longo do curso de vida.

Os resultados indicam que as transições para o empreendedorismo assumem diferentes configurações, planejadas, reativas, relacionais e orientadas à busca de sentido, que, embora distintas em suas dinâmicas, compartilham elementos comuns. Entre esses elementos, destacam-se a mobilização de repertórios acumulados, a influência das redes de relacionamento, a presença de eventos inesperados e os processos de reconstrução identitária. Esses achados reforçam que a ação empreendedora na maturidade não pode ser compreendida apenas como decisão pontual, mas como processo construído ao longo do tempo, na interseção entre trajetória, contexto e agência.

Ao articular empiricamente essas dimensões, o estudo contribui para a literatura ao propor uma compreensão do empreendedorismo sênior como processo de construção da ação empreendedora, no qual trajetória, relações e identidade atuam de forma interdependente. Essa perspectiva permite avançar em relação a abordagens centradas exclusivamente em intenção ou oportunidade, ao evidenciar que, na maturidade, empreender envolve não apenas iniciar um negócio, mas reconstruir formas de inserção no trabalho e de relação com a própria trajetória profissional.

No plano prático, os achados sugerem que políticas e iniciativas de apoio ao empreendedorismo voltadas à população 50+ devem considerar a heterogeneidade das trajetórias e das motivações envolvidas. Estratégias centradas exclusivamente em capacitação técnica ou acesso a crédito podem ser insuficientes se não contemplarem aspectos como redes de apoio, processos de transição de carreira e dimensões identitárias associadas ao trabalho. Nesse sentido, programas de fomento ao empreendedorismo na maturidade podem se beneficiar de abordagens mais integradas, que reconheçam o empreendedor como sujeito inserido em trajetórias e contextos específicos.

Como limitações do estudo, destacam-se o recorte empírico restrito a um contexto urbano específico e o número de participantes, o que não permite generalizações estatísticas. No entanto, tais características são coerentes com a abordagem qualitativa adotada, cujo objetivo é aprofundar a compreensão do fenômeno em contextos situados. Pesquisas futuras podem ampliar o escopo investigativo, explorando outros contextos regionais, setores de atividade e perfis de empreendedores, bem como aprofundar a análise de dimensões específicas, como gênero, classe social e trajetória ocupacional.

Por fim, o estudo reforça que o empreendedorismo na maturidade não deve ser compreendido apenas como alternativa econômica, mas como espaço de continuidade, reinvenção e reconstrução do trabalho ao longo do curso de vida. Ao evidenciar a complexidade e a riqueza desses processos, o artigo contribui para ampliar o debate sobre trabalho, envelhecimento e empreendedorismo, indicando caminhos para uma agenda de pesquisa mais sensível às transformações contemporâneas da longevidade e do mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

- Bonatti, D. E., Osório, N. B., Bonatti, Q. T., de Oliveira Brito, M. S., Oliveira, N. P. B., Haussler, M. O., ... & Bonatti, S. T. B. (2024). Gerações em sintonia: A influência das dinâmicas demográficas no mercado de trabalho. *Revista Foco*, 17(10), e6711. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n10-173>.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Bridges, W. (1994). *Job shift: How to prosper in a workplace without jobs*. Makron Books.
- Butler, R. N. (1969). Ageism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9(4), 243–246.
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4th ed.). SAGE.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed.). Sage.
- Dew, N., Sarasvathy, S. D., Read, S., & Wiltbank, R. (2009). Affordable loss: Behavioral economic aspects of the plunge decision. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 3(2), 105–126. <https://doi.org/10.1002/sej.66>.
- Dumay, J. (2011). The qualitative research interview. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 8(3), 238–264. <https://doi.org/10.1108/11766091111162070>
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532–550. <https://doi.org/10.5465/amr.1989.4308385>.
- Emirbayer, M., & Mische, A. (1998). What is agency? *American Journal of Sociology*, 103(4), 962–1023. <https://doi.org/10.1086/231294>.
- Fraga, A., Lapolli, E. M., et al. (2023a). Empreendedorismo sênior: Barreiras e facilitadores. In: *Anais do XX Congresso Latino-Iberoamericano de Gestión Tecnológica y de la Innovación*.
- Fraga, A., Amaral, M. R., Souza, V. A. B., Willerding, I. A. V., & Lapolli, E. M. (2023b). As contribuições da maturidade e experiência de carreira para o empreendedorismo sênior. In: *Anais do Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação*.
- Garcia-Lorenzo, L., Sell-Trujillo, L., & Donnelly, P. (2020). Entrepreneurship after 50: The liminal identity transitions of older emergent entrepreneurs. *Journal of Small Business Management*. <https://doi.org/10.1080/08985626.2020.1736537>
- Global Entrepreneurship Monitor (GEM). (2025). *Global entrepreneurship monitor 2024/2025 global report*.
- GIL, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Grupo GEN.

- Hanashiro, D. M. M., & Pereira, M. F. M. W. M. (2020). O etarismo no local de trabalho. *Revista Gestão Organizacional*, 13(2), 188–206. <https://doi.org/10.22277/rgo.v13i2.5084>
- Holmquist, C., & Sundin, E. (2022). *Organizing work and activities to cope with age – the role of entrepreneurship for individuals aged 50+*. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 17(2), 236–252. <https://doi.org/10.1108/QROM-09-2020-2020>
- Ibarra, H. (2003). *Working identity: Unconventional strategies for reinventing your career*. Harvard Business School Press.
- Kautonen, T., Down, S., & Minniti, M. (2014). Ageing and entrepreneurial preferences. *Small Business Economics*, 42(3), 579–594. <https://doi.org/10.1007/s11187-013-9489-5>.
- Kautonen, T., Kibler, E., & Minniti, M. (2017). Late-career entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 32, 318–333. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2017.02.005>.
- Levy, B. R., & Banaji, M. R. (2002). Implicit ageism. In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism* (pp. 49–75). MIT Press.
- Maalaoui, A., Partouche, J., Safraou, I., & Viala, C. (2023). Senior entrepreneurship and subjective age. *Review of Managerial Science*, 17, 443–465.
- OECD. (2019). *Senior entrepreneurship in OECD countries*. OECD Publishing.
- Ponelis, S. R. (2015). Interpretive qualitative case studies. *International Journal of Doctoral Studies*, 10, 535–550.
- Ratten, V. (2019). Older entrepreneurship. *Journal of Enterprising Communities*, 13(1/2), 178–195. <https://doi.org/10.1108/JEC-08-2018-0054>.
- Read, S., Song, M., & Smit, W. (2009). A meta-analytic review of effectuation and venture performance. *Journal of Business Venturing*, 24(6), 573–587. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2008.02.005>.
- Rizzatti, D. B., Sacramento, A. M., Valmorbidia, V. S., Mayer, V. P., & Oliveira, M. Z. (2018). Transição de carreira em adultos brasileiros: Um levantamento da literatura científica. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(1), 153–173.
- Sarasvathy, S. D. (2001). Causation and effectuation. *Academy of Management Review*, 26(2), 243–263. <https://doi.org/10.5465/amr.2001.4378020>.
- Sarasvathy, S. D. (2003). Entrepreneurship as a science of the artificial. *Journal of Economic Psychology*, 24(2), 203–220. [https://doi.org/10.1016/S0167-4870\(02\)00203-9](https://doi.org/10.1016/S0167-4870(02)00203-9).
- Sarasvathy, S. D., & Dew, N. (2005). New market creation. *Journal of Evolutionary Economics*, 15(5), 533–565.
- Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2019). *Research methods for business students* (8th ed.). Pearson.

SEBRAE-SP. (2017). *Empreendedorismo na terceira idade*.

Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, 25(1), 217–226. <https://doi.org/10.2307/259271>.

Shinohara, E. E., Nassif, V. M. J., & Paiva, L. E. B. (2024). Entrepreneurship 50+. *Revista de Administração Mackenzie*, 25(5), 1–27. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eRAMG240177>.

Silva, A. L. (2022). Identidade do empreendedor. *Revista de Empreendedorismo e Inovação*, 3(2), 45–62.

Soto-Simeone, A., & Kautonen, T. (2021). Senior entrepreneurship following unemployment. *Review of Managerial Science*, 15, 1683–1706.

Stirzaker, R., Galloway, L., & Potter, L. (2019). Gray entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, 57(Suppl. 2), 616–636. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12516>.

Stirzaker, R., Kapasi, I., & Galloway, L. (2023). Organising family and business. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 24(2), 76–87. <https://doi.org/10.1177/14657503221114014>.

Syed, R. T., Singh, D., Ahmad, N., & Butt, I. (2024). Age and entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 20, 1451–1486.

Veloso, E. F. R. (2012). *Carreiras sem fronteiras no Brasil*. Atlas.